

Bancos consideram até “um alívio”

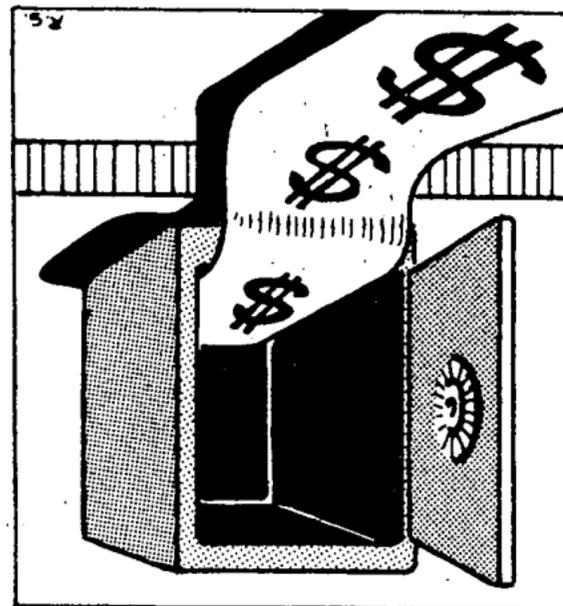
JOSÉ ANTONIO RIBEIRO

“Os bancos recebem essas medidas com certo alívio. Embora rigorosa, a limitação do **spread** nos retira da condição desconfortável de sermos apontados como os causadores dos males que afligem a economia. A partir de agora ficará claro para a opinião pública que o responsável pelas altas taxas de juros não são os bancos e, sim, a inflação.”

O desabafo do presidente da Federação Nacional dos Bancos, Antonio de Pádua da Rocha Di-

niz, reflete de maneira bastante precisa, a posição geral dos banqueiros em relação ao tabelamento das margens que os bancos podem cobrar acima dos custos de captação do dinheiro. “Estou apreensivo com o rigor das medidas, mas aliviado com nossa saída da vitrine incômoda em que nos encontrávamos”, acrescentou Diniz.

José Carlos Moraes de Abreu, presidente do Banco Itaú, disse que um reflexo expressivo do custo final do dinheiro só será sentido quando for possível bai-



xar a inflação. “A grande lição que o tabelamento vai trazer é que o grande vilão da economia é a inflação, e não o **spread** dos bancos. É contra a inflação que deve haver um esforço de toda a sociedade, incluindo o governo e o setor privado”, acrescentou Moraes de Abreu.

Sem conhecer os detalhes das medidas anunciadas pelo governo, os banqueiros sentiam-se até o início da noite de ontem inseguros para fazer qualquer estimativa global do seu impacto no custo final dos empréstimos. Considerando-se apenas os re-

ursos captados pelo sistema pós-fixado, os reflexos sobre os juros serão muito pequenos. Admitindo-se que na captação os grandes bancos estejam pagando 16% em média, ao ano, acima da Letra do Banco Central, eles poderão emprestar a 20% acima da LBC. Caso a LBC atinja 15%, o custo do financiamento para capital de giro baixará de 17,5% para 16,8% ao mês.

Com informações preliminares de que seriam criadas novas linhas de financiamento para pequenas e médias empresas, Diniz

manifestou-se preocupado com a possível expansão excessiva de liquidez. “Parece que estamos plantando dificuldades para frente. O governo está tomando medidas na hora errada, porque neste momento não se pode aumentar ainda mais a inflação.”

De modo geral, os banqueiros consideram que será difícil a administração do tabelamento do **spread** e reconhecem que empresas com riscos maiores não terão acesso aos empréstimos, se a demanda por parte de clientes mais seguros continuar aquecida.